

Responsabilidade de manter o ritmo das obras

Arquivo Pessoal

BIANCA CHIAVICATTI

ESPECIAL PARA O CORREIO

A primeira imagem de Brasília, em 1958, o deixou estarrecido. Numa chuva torrencial, típica da época, centenas de candangos continuavam trabalhando nas poucas obras que o Plano Piloto já ostentava. Como não havia outro caminho, Mário de Almeida foi transportado de jipe para a Cidade Livre através do Eixo Monumental.

Na Cidade Livre, aquele “estranho movimento sob a chuva” continuou. “A cidade era o mais bagunçado faroeste que já tinha visto no cinema”, diverte-se. “Jipes em lugar de cavalos, barracões de madeira, pessoas vestidas de bota e chapéu e muito barro”, descreve.

Aos 36 anos de idade, o então assistente de Gabinete do presidente Juscelino Kubitschek no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, recebeu a missão de levar ao imenso canteiro de obras, que era a nova capital da República, o pagamento dos funcionários da Novacap.

Com grande vitalidade, hoje aos 81 anos de idade, Almeida gosta de contar como tornou-se o mensageiro de JK no então futuro Distrito Federal: “Tomávamos café no Palácio e na mesa principal o presidente discutia qualquer coisa sobre

Brasília com vários auxiliares e um diretor do Banco do Brasil”, diz. “De repente ouvi o embaixador Smith dizer a JK, em tom de provocação: “Manda o Mário de Almeida, ele não faz tudo?”, continua. “Na mesma hora, sem saber do que falavam, me coloquei à disposição para ajudar.”

A construção de Brasília era tão impressionante que nos três dias seguintes à sua chegada aqui, Almeida fez questão de conhecer as maiores obras em an-

damento: o Congresso Nacional, o Brasília Palace e as fundações da Rodoviária.

Amigo do presidente

Natural de Barbacena (MG), Mário de Almeida começou a trabalhar com JK em Belo Horizonte, no Palácio da Liberdade, por pura insistência. Formado em Direito aos 32 anos, Almeida e o presidente se conheceram na Estrada de Ferro Central do Brasil, onde o advogado trabalhava. “Sabia que ele gos-

tava de mim porque ele me chamava pelo nome”, conta. “Os nomes que ele esquecia eram de pessoas que não queria conhecer”, conclui.

Assim, em 1954, recém-formado, Almeida decidiu arriscar e pedir emprego pessoalmente para o então governador de Minas Gerais. Sem formalidades, foi recebido rapidamente e a petulância agradou a JK. “Eram nove horas da noite quando fui nomeado juiz interino, lotado no Palácio da Liberdade”, recorda-se.

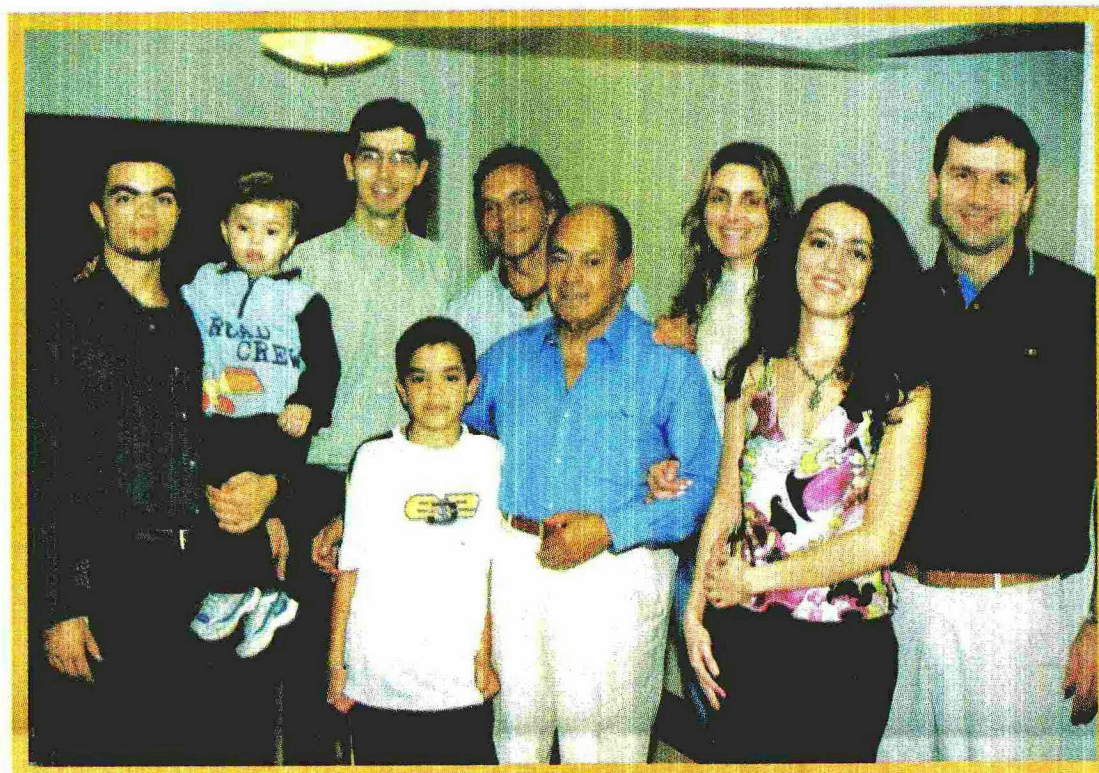
**MÁRIO ENTRE AS
MISSES DO
PRIMEIRO
CONCURSO DE MISS
BRASIL, REALIZADO
NO BRASÍLIA
PALACE HOTEL**



*io demorou a ter residência fixa na capital. Os vários apartamentos que recebeu foram
essidade de abrigar suas famílias. Nesses momentos, se refugiava no Brasília Palace*

**MÁRIO CHEGOU À
CIDADE SOLTEIRO.
DEPOIS QUE
DECIDIU FICAR,
CASOU E HOJE
CURTE FILHOS
E NETOS**

A descrição que Almeida faz de JK não difere da imagem que todos que trabalharam pelo sonho de transportar a capital para o interior do país têm. Homem decidido, com autoridade, porém brincalhão e simples, acessível a todos. “Medo era uma coisa que não existia para o presidente”, elogia Almeida. “E sua simpatia era algo incomensurável.”



Nômade no Planalto

Durante um ano, o trabalho de Almeida era providenciar, no Rio de Janeiro, tudo o que faltava para agilizar a construção de Brasília. Viajava para comprar cimento e encomendar outros materiais que faltavam de última hora. Para isso, tinha o jato do presidente, único do país na época, a sua disposição. Dessa forma, as passagens por aqui eram constantes, porém rápidas. Isto fez com que o advogado demorasse alguns anos para ter moradia definitiva no Distrito Federal.

Neste período, quando estava na cidade, Almeida ocupava um quarto no prédio anexo do Brasília Palace, que ficava onde hoje está o Museu de Arte de Brasília. “Os anexos do hotel eram muito disputados porque contavam com os mesmos serviços do prédio principal mas dava mais privacidade aos clientes”, revela. O anexo era formado por quatro suítes e uma estrutura de copa e cozinha.

Depois da inauguração, quando a Presidência da República foi transferida para cá, Almeida recebeu vários apartamentos até poder se firmar em algum endereço. O fato de estar solteiro na nova capital fazia com que fosse o primeiro procurado para resol-

ver os problemas de moradia dos políticos que aqui chegavam.

O primeiro apartamento recebido ficava na 305 Sul e foi cedido a um deputado cuja família tinha 13 filhos. Depois, mudou-se para a 106 Sul, outro apartamento cedido para um político. A terceira moradia foi uma casa na antiga quadra 17, hoje 708 Sul, dessa vez cedida para um militar. Sempre que deixava as habitações, o lugar de destino era o Brasília Palace.

Desenvolvimento

A proximidade com o Poder fez com que Almeida participasse ativamente do desenvolvimento de Brasília, que acontecia em ritmo acelerado antes da inauguração. Entre os fatos mais curiosos, destaca a pressa com que o asfalto da W3 Norte foi construído, o dia em que o Lago foi inundado, atingindo a cota mil em tempo recorde, e o surgimento de Taguatinga.

Três dias antes da inauguração da capital, JK e Israel Pinheiro, presidente da Novacap, sobrevoaram a cidade. Foi quando o presidente reparou que o asfalto da avenida W3 Norte ainda não existia. Nas mesma hora, ordenou

“**NADA ERA
IMPOSSÍVEL
PARA O
PRESIDENTE,
POR ISSO ELE
NÃO DISCUTIA AS
ORDENS QUE
DAVA E ESTAVA
SEMPRE DE BOM
HUMOR**”

que a obra estivesse concluída para o dia 21 de abril de 1960. “Nada era impossível para o presidente, por isso ele não discutia as ordens que dava e estava sempre de bom humor”, descreve Almeida.

A inundação do Lago Paranoá

foi outro acontecimento marcante. “Estava na Candangolândia quando vi o céu escurecer de maneira assombrosa”, lembra. O Lago deveria encher e atingir a cota mil em três anos. Nesse dia, entretanto, a chuva torrencial que caiu sobre Brasília acelerou o processo, surpreendendo a todos e deixando várias máquinas e alguns barracos submersos no fundo do Lago, onde permanecem até hoje. “No outro dia, toda a população que aqui residia estava concentrada nas margens do Paranoá para ver o milagre que tinha acontecido”.

Por último, Almeida conta a história da Vila Matias, onde hoje está a cidade próspera que é Taguatinga. Em 1958, Israel Pinheiro teria determinado o fechamento do Córrego Vicente Pires a fim de impedir a entrada das pessoas que chegavam ao Planalto Central em busca de melhores condições de vida na futura capital do país. Centenas de pessoas começaram a se amontoar no local até que um líder popular chamado Matias fez com que todos caminhassem em direção à região onde hoje está a cidade, burlando a barreira formada pela Novacap.

Raio X

Nome: Mário de Almeida
Origem: Barbacena, Minas Gerais
Idade: 81 anos
Profissão: Advogado
Ano de chegada a Brasília: 1958, veio pela primeira vez. Se instalou na cidade depois da inauguração
Esposa: Marilena Taveira (falecida)
Filhos: Alexandra Márcia, Mário Jorge, Mário Higino, Iran Garibaldi e Christina Maria Garibaldi (do primeiro casamento, com Helena Garibaldi)
Netos: Alexandre, Tabata, Iran Júnior, Leandro, Fábio, Fábíola e João Vítor.
Bisnetos: Débora, Lucas, Vítor e Lorraine